



Lisbon & Estoril Film Festival

Um encontro de grandes criadores do mundo

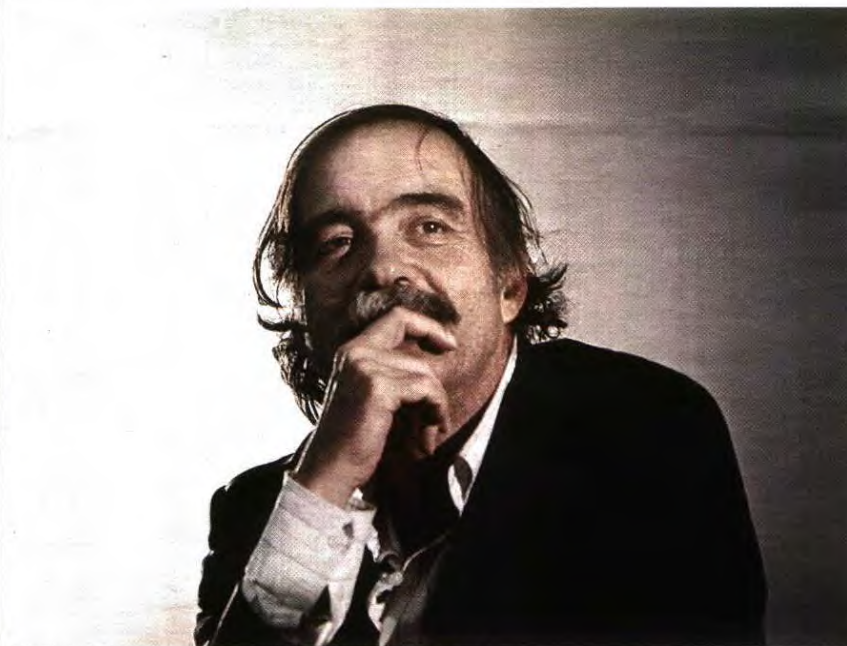
Nanni Moretti, Wim Wenders, Jonatham Demme, Hans-Jürgen Syberberg, David Gordon Green, Don DeLillo, John Berger, Laurie Anderson, são algumas das presenças de peso no Lisbon & Estoril Film Festival, que decorre de 6 a 15 de novembro, em vários locais de Lisboa e da linha de Cascais. Um festival que, apesar do nome, não é apenas de cinema. Além dos filmes em competição, de ante-estreias, retrospectivas e ciclos, aposta na Literatura, com leituras, na fotografia, na performance, com exposições, num simpósio sobre *loucura e criação*, com curadoria de José Gil, dias 13, 14 e 15, no CCB. Sempre com cineastas de várias geografias, mas também com escritores, artistas e pensadores da primeira linha internacional. Um “encontro anual de grandes criadores do mundo”, como diz ao JL, o diretor, o produtor Paulo Branco. Ouvimos ainda o filósofo sobre o colóquio e entrevistámos João Salavisa, a propósito da sua primeira longa-metragem, *Montanha*, com estreia no LEFFEST, sobre a qual publicamos a crítica de Manuel Halpern

Maria Leonor Nunes

H

Há nove anos que novembro traz uma verdadeira ‘chuva de estrelas’ a Lisboa e ao Estoril, um ‘fenómeno’, longe de ser atmosférico, simplesmente cultural. O Lisbon & Estoril Film Festival, que este ano arranca a 6, com *Anomalisa*, uma animação de Charlie Kaufman e Duke Johnson, grande Prémio do júri do Festival de Veneza, e com *Our Brand is Crisis*, de David Gordon Green, é um festival já com lugar cativo no calendário. E uma identidade própria que, segundo o seu diretor, Paulo Branco, tem como traços fortes a relação com o público e a interdisciplinaridade, cruzando Cinema, Literatura e outros territórios da arte contemporânea.

Pelo LEFFEST já passaram Francis Ford Coppola, David Cronenberg, David Lynch, J. M. Coetzee, Don DeLillo, Paul Auster, Nan Goldin, David Byrne, Lou Reed, John Malkovich, Willem Dafoe, Maria de Medeiros, e outros nomes de referência da contemporaneidade. Muitos ‘bisaram’. Este ano não será exceção. Nanni Moretti vai estar presente com o novo filme *Mia Madre*, Wim Wenders com a antestreia de *Everything*



Paulo Branco “Sinto-me muito orgulhoso pelos filmes em competição”

will be Fine, e uma exposição de fotografias na Mãe d’Água, Amoreiras, *À luz do dia, até os sons brilham*, que realizou aquando da rotação, em Lisboa, de *O Estado das Coisas*, *Viagem a Lisboa* e *Até ao fim do mundo*. Além da competição oficial, entre muitos outros prometem Barbet Schroeder, com *Amnesia*, Terrence Malick com *Knight of Cups*, Laurie Anderson, com *Heart of Dog*, e o ator francês

Louis Garrel, com *Les deux Amis*, a sua estreia na realização.

De destacar retrospectivas dedicadas a Jonathan Demme, a Hans-Jürgen Syberberg ou a Luís Miguel Cintra, homenageado nesta nona edição. Também as leituras de John Berger, autor de *Modo de Ver*, do catalão Juan Goytisolo, do norte-americano Don DeLillo, que irá ler algumas páginas do romance que está a escrever. E o

“**Tento trazer as obras e as figuras por quem tenho imenso respeito e uma enorme curiosidade. Daí este encontro anual em que se cruzam aqui tantos artistas e realizadores**”

lançamento do livro *Teorema Civo* (edição Gradiva) do matemático francês Cédric Villani, medalha Fields de 2009. Ainda o designer Alain Fletcher, em Cinemart, assim como as exposições *Waronwall - The Struggle in Syria*, do fotógrafo alemão Kai Wiedenhöffer, imagens recolhidas em aldeias e campos de refugiados no Líbano e na Jordânia, patentes no Paredão entre o Estoril e Cascais, *Aqui nos Encontramos*, uma mostra inédita da ‘correspondência pictórica’ entre Berger e a pintora Yvonne Barlow.

Um programa vasto e diversificado, em que cabe igualmente a reflexão sobre a loucura e a criação, no simpósio “Bigger Than Life”, de que é curador o filósofo José Gil (ver caixa). Porque o LEFFEST, como sublinha o seu diretor, quer ser um lugar de encontro para conhecer e discutir diferentes obras, aberto à “curiosidade” sobre as artes no mundo.

Festival à parte, Paulo Branco, enquanto produtor, vai iniciar ainda em novembro, em Portugal, a rotação do novo filme do realizador francês Benoit Jacquot. E brevemente, em Moçambique, o segundo filme de João Nuno Pinto

JL: O LEFFEST tem já um lugar próprio no calendário dos festivais portugueses?

Paulo Branco: Não procuramos propriamente um lugar.

Então, uma identidade?

Concebo o festival um pouco como se fosse um espetador, pensando o que gostaria de ver, ouvir, partilhar, quem gostaria de conhecer. Tento portanto trazer as obras e as figuras por quem tenho imenso respeito e uma enorme curiosidade. Daí este encontro anual em que se cruzam aqui tantos artistas e realizadores. Essa é uma particularidade do LEFFEST, que tem ainda uma outra, muito rara: o contacto com o público.

Uma aposta forte nas conversas e conferências?

Sim. Em Cannes ou Veneza, os espetadores não podem contactar ou trocar impressões com os realizadores, quanto muito precipitar-se para a entrada das salas e tentar um autógrafa. No LEFFEST, pelo contrário, os artistas vêm para partilhar as suas obras e experiências com o público português. E é um privilégio poder fazê-lo como vai acontecer este ano, com Wim Wenders, de que vamos ter várias facetas, os filmes, as fotografias numa exposição, Nanni Moretti, ou Jonathan Demme, um dos grandes realizadores americanos. E ao mesmo tempo com escritores como Juan Goytisolo, que vem pela primeira vez a Lisboa, para ler excertos



Quatro filmes no festival *O silêncio dos inocentes*, de Jonathan Demme, *Mia Madre*, de Nannin Moretti (em cima), *Heart of a dog*, de Laurie Anderson, e *Cavaleiro de Copas*, de Terrence Malick

privilegiados e o festival é importante também porque nos permite seguir a evolução dos criadores contemporâneos. E conhecer as suas afinidades eletivas.

Em que sentido?
Vamos poder ver por exemplo a amizade entre o John Berger e o Otar Iosseliani, e Piotr fAnderszewski, que se vão encontrar aqui. Tudo isto faz parte de um puzzle fascinante para mim, porque montar este festival é quase fazer um encontro de amigos. Por outro lado, como vinha o Jonathan Demme, aproveitámos para trazer outros realizadores de Austin, um pólo extremamente importante na atual produção cinematográfica americana. Também virá Martin Rejtman e mais dois cineastas argentinos e espero, de resto, que possa haver uma verdadeira mostra de cinema da Argentina, no próximo ano. São pequenas pontes que vamos construindo, no sentido de manter vivo o festival. E são essas ligações e afinidades que fazem com que seja um encontro anual de grandes criadores. Acontecer em Portugal, dá-me muito prazer.o

MOMENTOS ÚNICOS
O LEFFEST ainda não tem uma década de existência...

Tem nove anos, o que já é muito. É sempre um desafio. Através dos meus conhecimentos, também porque os convidados de edições passadas vão justamente dizendo o quanto gostaram de cá estar, vou tendo a possibilidade de o fazer. Talvez o LEFFEST sofra um pouco de uma ligação personalizada ao seu diretor...

Porquê?
É capaz de haver alguns anticorpos... Este ano, sinto-me muito orgulhoso pelos filmes em competição, que são um reflexo do que há de melhor na produção cinematográfica mundial. E conseguimos trazer de facto obras fundamentais. Importante também será, por exemplo, o *work in progress* que Sara Driver vem mostrar, 40 minutos do documentário que está a fazer sobre Basquiat, que ela conheceu muito bem, uma primeira apresentação mundial, com material inédito. Com ela, virá a atriz Nicoletta Braschi, sua amiga, que vem preparar uma possível encenação dela de uma peça de Beckett, no próximo ano, com Roberto Benigni. Trazer, por outro lado, o Hans-Jürgen Syberberg, esse monstro da cinematografia dos anos 70, que praticamente não se desloca, e poder mostrar também obras inéditas dele. Tudo isso são razões de orgulho. E gostaria de continuar a partilhar a minha curiosidade com o público.

Programação de luxo

Seleção Oficial – Competição

- 11 Minutes, de Jerzy Skolimowski
- 7 Chinese Brothers, de Bob Byington
- Chant D'Hiver, de Otar Iosseliani
- El Apóstata, de Federico Veiroj
- Journey to the Shore, de Kiyochi Kurosawa
- Kaili Blues, de Gan Bi
- La Academira de Las Musas, José Luis Guerín
- Montanha, de João Salaviza
- Peace to us in Our Dreams, de Sharunas Bartas
- Room, de Lenny Abrahamson
- Te Prometo Anarquía, de Julio Hernández Cordón
- The Childhood of a Leader, de Brady Corbet
- Trois Souvenirs de ma Jeunesse, de Arnaud Desplechin

Seleção Oficial – Fora de Competição

- 45 Years, de Andrew Haigh
- Anomalisa, de Duke Johnson, Charlie Kaufman
- Cavaleiro de Copas, de Terrence Malick
- Cosmos, de Andrzej Zulawski
- Diário De Uma Criada de Quarto, de Benoît Jacquot

- El Clan, de Pablo Trapero
- Every Thing Will Be Fine, de Wim Wenders
- Francofonia, de Aleksandr Sokurov
- An (Sweet Red Bean Paste), de Naomi Kawase
- Heart of a Dog, de Laurie Anderson
- Knight of Cups, de Terrence Malick
- La loi Du Marché, de Stéphane Brizé
- Manglehorn, de David Gordon Green
- Mia Madre, de Nanni Moretti
- Our Brand is Crisis, de David Gordon Green
- Que Horas Ela Volta?, de Anna Muylaert
- Rabin, The Last Day, de Amos Gitai
- Right Now, Wrong Then, de Hong Sang-soo
- Song One, de Kate Barker-Froyland
- An (Sweet Red Bean Paste), de Naomi Kawase

Promessas

- 600 Miles, de Gabriel Ripstein
- Jogo de Damas, de Patrícia Sequeira
- Les Deux Amis, de Louis Garrel

dos seus livros e falar de Jean Genet, John Berger, em torno de quem propomos um vasto programa, e Don DeLillo, um dos maiores autores da atualidade, que virá ler, pela primeira vez em público, algumas partes do seu novo livro.

Já é um repente no festival: um caso de fidelidade, de amizade pessoal?

De amizade e porque se sente bem no festival. Aliás, também vem para descobrir o que outros estão a fazer. Os criadores normalmente têm sede de conhecer o que se passa em vários domínios artísticos. Demme, por exemplo, disse-me que ia ser um prazer estar aqui dez dias a ver filmes dos outros.

É isso que gostaria que fosse o LEFFEST, um lugar para conhecer e discutir várias obras e formas de criação?

É isso que temos conseguido, apesar de um problema que existe em Portugal, porque os media e os públicos estão muito compartimentados nos seus cantinhos, da música, do cinema, do teatro, da literatura.

E a perspetiva do LEFFEST é sobretudo transversal? Gostava de misturar tudo e que se cruzassem os diferentes territórios de criação. Para

isso, precisamos chegar aos diversos espetadores, o que tem representado algumas dificuldades, até porque há cada vez menos espaço para a cultura na imprensa. Por outro lado, o facto de se chamar festival de filmes leva a que se pense que se trata apenas de cinema, pelo que a informação não chega, por exemplo, às secções de literatura, apesar de cá termos alguns dos grandes escritores do mundo.

A dificuldade também pode estar na escolha, dada a qualidade da oferta. Com tantas 'cabeças de cartaz' este ano, como noutros, não se queimam muitos cartuchos de uma vez?

Tenho que aproveitar as oportunidades e os criadores que estão disponíveis. Este ano posso contar com eles, no próximo ano, pode não ser possível. Mas haverá outros e alguns vão sempre regressar.

Numa dinâmica que por vezes passa pelos júris, outras pelas apresentações...

É o caso do matemático Cédric Villani que está de volta este ano, integrando o júri e vai mesmo lançar o seu novo livro em Portugal. Jessica Hausner, que ganhou o grande prémio no ano passado, agora é júri. Mas vamos sempre mostrando coisas novas. Somos nesse sentido espetadores



O público tem sido 'curioso' nas edições anteriores?

Não me posso queixar. Felizmente, temos tido muito público, mas queremos sempre mais. Os festivais não são eternos e só me interessa realmente prosseguir se sentir que há interesse da parte da comunicação social, dos criadores, do público.

Qual é o orçamento do LEFFEST?

Faz-se essencialmente com o apoio das duas câmaras, através do Turismo de Portugal, e de outras pequenas participações e patrocínios. No total, são cerca de 600 mil euros. O Festival de San Sebastian tem 12 milhões de euros, qualquer médio festival na Europa tem entre quatro e cinco milhões. Por isso, o LEFFEST é feito sobretudo com o esforço de uma pequena equipa, sem o qual não seria possível.

Ao longo destes anos, teve algumas deceções?

Infelizmente, houve uma ou duas obras de grandes realizadores que passaram um pouco despercebidas. No ano passado, fiquei mesmo desconsolado, porque fizemos a primeira retrospectiva mundial de um grande realizador russo, Marlen Khutsiev, cuja obra foi destacada já este ano no Festival de Locarno, e não consegui suscitar a atenção dos media e dos espetadores. Senti-me um pouco triste com isso, porque foi uma oportunidade única. Ele vai agora voltar à Cinemateca, mas fora do enquadramento do festival, o que será uma outra possibilidade de descobrir a sua obra. Nada se perdeu. Outra coisa que me entristeceu muito foi o facto de ter trazido um conjunto de obras inéditas de um grande pintor, Miquel Barceló, numa exposição na Torre do Tombo que não mereceu uma única linha nos jornais. Foi muito vista, mas pelos turistas japoneses, chineses, ingleses, que passaram por lá e foram confrontados com uma mostra muito especial. São pequenos falhanços, também porque somos uma equipa pequena, artesanal e, à exceção deste ano que soubemos muito cedo que o festival ia mesmo acontecer, estávamos sempre à espera de saber se iria continuar ou não e só o sabíamos à última hora.

Também houve por certo momentos muito felizes. Recorda algum em especial?

Muitos. Começámos logo com David Lynch e foi único. E nesse ano, houve ainda Almodóvar. Noutros, recordo-me de masterclasses fantásticas com Coppola,

Cronenberg ou Kiarostami, que raramente fala muito nas suas conferências, e que acabou por falar uma hora e meia. Lou Reed, também se dizia que ele era um bicho-do-mato e aqui falou imenso com o público. Foi um momento muito forte e essa é uma ligação que Laurie Anderson tem connosco, porque Lou Reed foi muito feliz quando esteve no nosso festival. Também lembro as leituras, naquela edição, em que estiveram Coetzee, DeLillo, Siri Hustvedt e Paul Auster. O Wes Anderson foi igualmente incrível, no ano passado. E tantos outros... São situações muito gratificantes e que dão energia para continuar e vencermos todas as dificuldades.

Fala muito de dificuldades.

Fazem parte da vida. Mas não me queixo, embora exista evidentemente toda a parte burocrática e organizativa, que são o fardo destas coisas...

Tem havido também um alargamento geográfico do festival e a espaços, com iniciativas no Centro Cultural de Cascais, na Casa das Histórias Paula Rego, no Casino Estoril, no Centro Cultural de Belém....

Este ano é bom podermos dispor da Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II, onde por exemplo será o último dia da homenagem ao Luís Miguel Cintra, que vai decorrer também no Nimas. Ele é um ator absolutamente único do cinema português, que trabalhou com todos os nossos grandes realizadores e vamos ter oportunidade de ver muitas dessas obras.

Da presença portuguesa, destaca-se ainda a estreia do filme de João Salavisa. E fora de competição, do filme de Patrícia Sequeira. Mas Joaquim de Almeida também vai estar presente na abertura com o filme do David Gordon Green. No júri, teremos o arquiteto Pedro Gadanho e o troféu foi desenhado por Julião Sarmiento. E no simpósio de José Gil também haverá uma representação portuguesa forte. Nele participa igualmente o escritor brasileiro Bernardo Carvalho, que quer falar sobre *Branca de Neve*, de César Monteiro, o que promete ser um momento raro. Outro será certamente a exposição de fotografias de Kai Wiedenhöffer, que vamos fazer pela primeira vez no paredão entre o estoril e cascais. tentamos sempre encontrar lugares onde os eventos possam ter mais realce e captar mais público.



Lisbon & Estoril Film Festival

JOÃO SALAVIZA

Na primeira 'longa', o mundo das 'curtas'

Entre filmes de várias vedetas mundiais, estreia no certame dirigido por Paulo Branco, que começa a 6 de novembro, o novo filme do jovem realizador português. O JL entrevistou-o, assim como ao conhecido produtor - e publica ainda a crítica ao filme. José Gil fala do simpósio internacional de que é curador

PÁGINAS 18 A 21

